LUIS MARTINS

SINOS

(VERSOS)

1928

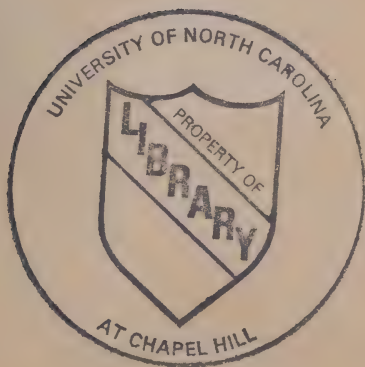
LUIS MARTINS

SINOS

(VERSOS)

1928
PAPELARIA VENUS
Rua Marechal Floriano Peixoto, 13
RIO DE JANEIRO

LUIS MARTINS

A MEUS PAES

A Murillo Araujo
— o poeta mais poeta
da nova geração —
com o enthusiasmo de

Luis Martins

Antes dos versos

Rio, fev. 1929.

ANTES DOS VERSOS

Eis um livro sem padrinhos.

E' mistér, pois, que eu, o seu "pae", *na expressão pit toresca de Macedo ao apresentar a* "A Moreninha", *o encaminhe pela vida...*

E' um livro dum homem que tem soffrido. Mas não tèm gritos de revolta nos seus versos.

Digo livro dum homem que tem soffrido e não me arrependo. Quereis, acaso, soffrimento maior do que o de ser joven numa terra de mocidade absolutamente futil, como essa?

Os moços da minha terra... Eu os conheço... E fui, occultando o meu sonho á blasphemia dos seus olhares, futil como elles, idiota como elles, embasbaquei-me nos seus pasmos, bestifiquei-me nas suas admirações, partilhei das palhaçadas ingenuas dos seus folguedos...

Quereis maior sacrificio?

Jámais me comprehenderam... Graças a Deus!

Quiz ser, para elles, futil e tolo como elles mesmos.

Hoje apparece este livro.

Não tenho bem a certeza se deve caber ao A. o dever de explicar ao publico o methodo adoptado na composição de suas obras.

Aos que estranharem, entretanto, o rithmo desigual, moderno, de algumas producções deste livro, lembrarei que a poesia hodierna, soffrendo as leis fataes da evolução, liberta-se das formulas absurdas de prender a idéa á fórma.

Nesse particular tenho idéas radicalmente liberaes, achando que em alguns casos, até a grammatica deve ser sacrificada ao enunciado emotivo de uma expressão.

Um exemplo disso, tendes vós na primeira quadra de minha poesia "A uma creança" *onde ha um evidente erro de syntaxe:*

"Pequenino, és tão triste e delicado
que tenho os olhos humidos: olha, vê;
e recordas tão bem o meu passado
que choro não ser mais como você".

Ha ahi dualidade de tratamento, começando a estrophe com os verbos na 2.ª pessoa do singular e terminando por "voce". *Não accrescentarei haver tres versos decassyllabos a par de um endecassyllabico porque já declarei que, na maior parte dos meus trabalhos, estão os meus versos livres das regrinhas que fizeram a fortuna litteraria de Boileau.*

Um atilado critico já chamou ás pequenas questões de linguagem, a que se entregam deleitosamente alguns philologos,

"futriquinhas grammaticaes". *Eu chamaria á preoccupação morbida da contagem de syllabas dos versos,* "futriquinhas metricas".

Acabemos com isso, de uma vez para sempre.

E' necessario que o ideal não soffra a prisão absurda das algemas de ouro da fórma! Sejamos livres! Cantemos as nossas paixões, os nossos sentimentos, a nossa emoção em versos livres, como gritos de angustia ou de revolta, de desespero ou de amor, brados espontaneos que tornamos poesia!

Assim seja!

Rio de Janeiro, Abril de 1928.

Luis Caetano Martins.

Sinos

SINOS

Primavera de luz! Primavera de sol!
Aves cantam nas sombras das ramadas
a gloria das excelsas alvoradas
trescalantes de aromas!...
Aves ébrias de luz!
Flores pendem dos ramos, prisioneiras,
mas desabrocham rindo, alviçareiras,
a captiveiro tão gentil assim...
Na polycromma graça dos vergeis,
o sol ri, infantil, como um menino
e atira pedras de ouro sobre mim...

Os insectos, em louca sarabanda,
esvoaçam, ébrios de uma bebedeira
de sol claro, azul claro, vento bom...
A voz das aves anda esparsa no ar...
Dizem lendas antigas que quem canta
males espanta. —
E eu sinto um canto preso na garganta,
que eu não cantei, por não saber cantar...

Ha, pelo espaço, gritas crystallinas
como risos de moças e meninas
ou barulhos sonoros de crystal...
E como é bom viver! A vida é boa!
Commovida, minh'alma até perdoa
toda a injustiça e todo o mal...

E sob o azul do céo, canta uma prece
esse barulho de crystal
que está espalhando gritos crystallinos.
Bemdito som! Até parece
que na igrejinha azul ha festival!...
Bemditos sinos!...

Cantam sonoros, commovidos,
o que elles só sabem cantar...
Homens profanos, meus ouvidos
ficam momentos esquecidos
sob esses sons que bailam no ar...

E a voz dos sinos, commovida,
os meus sentidos penetrou
poz a anciedade incomprehendida
de andar cantando, pela vida,
o que essa voz tambem cantou...

Canta... Cantar é seu destino...
E passa os dias a cantar...
Ouve-se sempre a voz de um sino
como um soluço crystalino
desde manhã até ao palor crepuscular...

Então são tristes...
Quando o sol vae morrendo, no arrebol,
parece que os sinos dobram finados
ao pôr do sol...

E elles nos enchem de desesperança...
Parece até que a vida se acabou...
Foge a esperança...
Não se deve correr atraz, que não se alcança...
O som dos sinos começou...

E eu fico assim, a sonhar
ao som tristonho, ao som tristissimo dos sinos,
quando o sol chora sobre a terra triste
melancholicos raios vespertinos...

Amei tanto!
Será possivel que eu não possa mais amar?
Ha sombras tristes pelas folhas do arvoredo,
ha velas tristes pelo azul triste do mar...

O grande amor morreu...
E eu sinto que estou tão indifferente!...
Meu coração é como um morto que não sente,
que não póde sentir...

E porque esse grande desconforto
que nem siquer consigo traduzir?
Sou assim como um grande tronco morto
onde as lianas não vêm mais sorrir...

....

Parece que ao palor crepuscular,
interpretando todos os destinos,
os sinos choram... Como é bom chorar!...
... Meus versos são assim como esses sinos...

Desillusão

DESILLUSÃO

Quando eu era mais moço, quiz um dia
envolver todo o céo num grande abraço
e, sem pensar siquer no que fazia,
andar colhendo estrellas pelo espaço..

Pelas estradas de enganoso traço
das alvas nebulosas, eu corria
os mundos sideraes, sem ter cançaço,
ébrio da minha louca phantasia...

E gastei annos, pescador audaz,
pescando estrellas, pelo espaço, atraz
do sonho da suprema Perfeição!...

Nem consegui estrellas apagadas!...
As que toquei, apenas mal tocadas,
transformavam-se em pó, na minha mão...

Agua dormente

AGUA DORMENTE

I

Rapida, clara, limpida, cantante,
é um crystal liquefeito e murmurante...

Cantarolando,
cabriolando,
lá vae riscando o seio da floresta
num traço prateado e rutilante...

Pedras e pedregulhos no caminho;
o riacho ri, porém, alegremente;
e rindo e gargalhando vae cantando
corre-correndo, risonhamente...

Depois, sente a saudade do logar distante
que, inconstante e bohemio, elle deixou.
A nostalgia do berço, martyrisante,
o faz poeta soffredor.
E lá vae cantando, corre-correndo,
acalentando a matta com canções de amor...

A agua corrente é o poeta da floresta!
Vive tudo escutando-a, emquanto corre;
e ella canta e soluça, indifferente,
até perder-se no lençol silente
dos pantamnaes... E morre...

II

Vi-te no berço, agua nascente!...
Minha irmã pequenina,
lembras-me um fiapo de prata a correr.
Agua tranquilla, muito branca, crystallina,
agua argentina,
onde, como num espelho,
eu me vejo bonito sem o ser...

Minha irmãsinha!
A olhar teu corpo nú, minh'alma sente
que tem toda a felicidade que ella quiz;
e vendo-te a cantar, agua nascente,
sinto-me tão feliz!... tão feliz!...

Depois cresceste e foste trovador
Cantaste a vida alegre das cigarras,
a belleza senil das arvores bizarras
e a graça humilde dos relvaes em flôr...

Fizeste versos á belleza triste
dos lyrios escondidos nas barrancas
e á vista dessas longas sombras brancas,
murmuraste baixinho, sonhador!...

E beijaste colleando, —ávido rio!—
crespo, langue, febril, num arrepio
de volupia, a nudez das sertanejas...
Foste amoroso e lyrico! Cantaste
trovas, canções, poemas e balladas.
E, nos teus versos de ouro, celebraste
o riso das mulheres venturosas
e a magua das mulheres desgraçadas!...

Agua que reza, agua que canta e que diz versos,
és minha irmã!

Agua cantante e soluçante!
Sempre senti no teu murmurio doce
a magua duma dôr inconsolavel...
Chorámos juntos, agua cantante!
Chorámos juntos, a nossa magua!
— A tua dôr era um poema lancinante!
— A minha dôr era um murmurio d'agua...

E tu, que como uma creança,
tinhas rezado antes de dormir,
dormiste muda, sob a matta enorme.
Que a agua é como nós:
canta, geme, sorri, soluça, dorme...

E tu dormes,
— negra, sombria, putrida, lethal
sob o vento que fere a ramaria
da matta e geme no ar sinistramente
como o orgão triste duma cathedral...

No silencio da matta silenciosa
contaram-te a legenda mysteriosa
da Bella Adormecida;
e dormiste nos braços da floresta,
entre as aves em riso e entre as flores em festa,
sem rumor e sem vida...
Agua silente!...

Uns olhos verdes, uns olhos tristes, agua dormente!
Vi nesses olhos, piedosamente sombreados,
a dôr defunta das cicatrizes...
Foi a saudade que poz o brilho nessas perolas
onde creou raizes...

Porque lembraste-me a agua,
— olhar piedoso!
olhos de magica, attracção inconsciente,
foi que eu te amei, olhar de amor, olhar dolente,
Agua dormente...

Nunca mais!

NUNCA MAIS!

Nunca mais te verei!... Nunca mais me veras!...
O nosso amor morreu sem um gemido
e hoje mesmo não sei como te amei...
Foi numa tarde — crepusculo dolorido...
Uma fonte cantava em tom dorido
e me disseste adeus... Nunca mais te verei...

Tivemos a illusão que o nosso amor
seria eternamente o mesmo amor...
Hoje...
O nosso amor morreu sem um gemido
e até mesmo nem sei como te amei...
Depois de ter amado e ter soffrido,
nunca mais te verei!...

Nunca mais te verei! Teu vulto esguio
foi pouco a pouco desapparecendo
sob a gaze da luz crepuscular.
E eu fiquei a pensar na agua do rio
que foge para nunca regressar...

Pescadores em barcos, pandas velas,
vão longe, pelas aguas, a pescar...
Enfrentam tempestades e procellas
e quasi sempre para não voltar...
O teu destino é o das caravellas
fugindo, velas pandas, pelo mar...

A's vezes até custo a acreditar
que nos amámos, que eu te amei...
Pensei que, em despedida, ias chorar
e sei que tu tambem assim pensaste.
Pois não choraste,
e eu não chorei...

Mas, bem longe de ti, um dia, ainda,
eu sosinho, lembrando, chorarei
e creio que tambem tu chorarás...

... Foi numa tarde — crepusculo dolorido —
que o nosso amor morreu sem um gemido...
Uma fonte cantava em tom dorido...
Nunca mais te verei... Nunca mais me verás!...

A uma creança

A UMA CREANÇA

Pequenino, és tão triste e delicado
que tenho os olhos humidos; olha, vê!
E recordas tão bem o meu passado
que choro não ser mais como você... (°)

Quando eu era pequenino...
— (Porque as creanças se parecem tanto?)
minha mãe punha "breves" no meu peito
para que eu não soffresse algum quebranto...

Tinha um mundo só meu...
Scherazada infantil de bellas lendas...
E eu punha na mentira das legendas
minha imaginação de deus — menino...

"Era uma vez um homem pequenino,
mas tão pequenino,
que o chamavam Pequeno Pollegar...
... Era uma vez um Principe Encantado...
... Uma vez, num palacio mergulhado
lá no fundo do mar,
houve um dragão que andava apaixonado
e queria casar..."

(°) — Veja-se prefacio.

E a viver a mentira das legendas,
a vida ia suave para mim,
porque escolhera, dentre as minhas lendas,
a lanterna doirada de Aladim...

Depois, velas ao vento, brancas velas,
eu me fazia ao mar, para sonhar...
Ia a Stambul, Bagdad, Alexandria,
sobre o sereno azul do azul do mar...
E de velas ao vento, brancas velas,
eu chegava onde o sonho ia acabar...
Sobre os cascos das minhas caravellas,
eu via um outro sonho começar...

E eu ia pelo mar, no mar do Oriente,
a sonhar o meu sonho, indifferente,
pela infinita vastidão do mar...

Em coxins velludosos, indolente,
eu, moço capitão, ia a sonhar,
só por ter a lanterna de Aladim...

Pequenino, não deixes que esses olhos
fiquem tristes olhando para mim!...

A vida é má, a vida tem abrolhos
que não deves pedir nem desejar...

Eu que cresci, eu sei, vi com meus olhos
a mentira dos sonhos que sonhei
e que, é certo, tambem has de sonhar.

Depois, velas ao vento, brancas velas,
já homem, quiz um dia viajar;
e naufragaram minhas caravellas
nas tempestades de um sinistro mar!...

Falo assim porque fui tambem menino,
não fiques triste olhando para mim:
Pequenino, meu caro pequenino,
antes ficasses toda a vida assim!...

Ave de arribação

AVE DE ARRIBAÇÃO

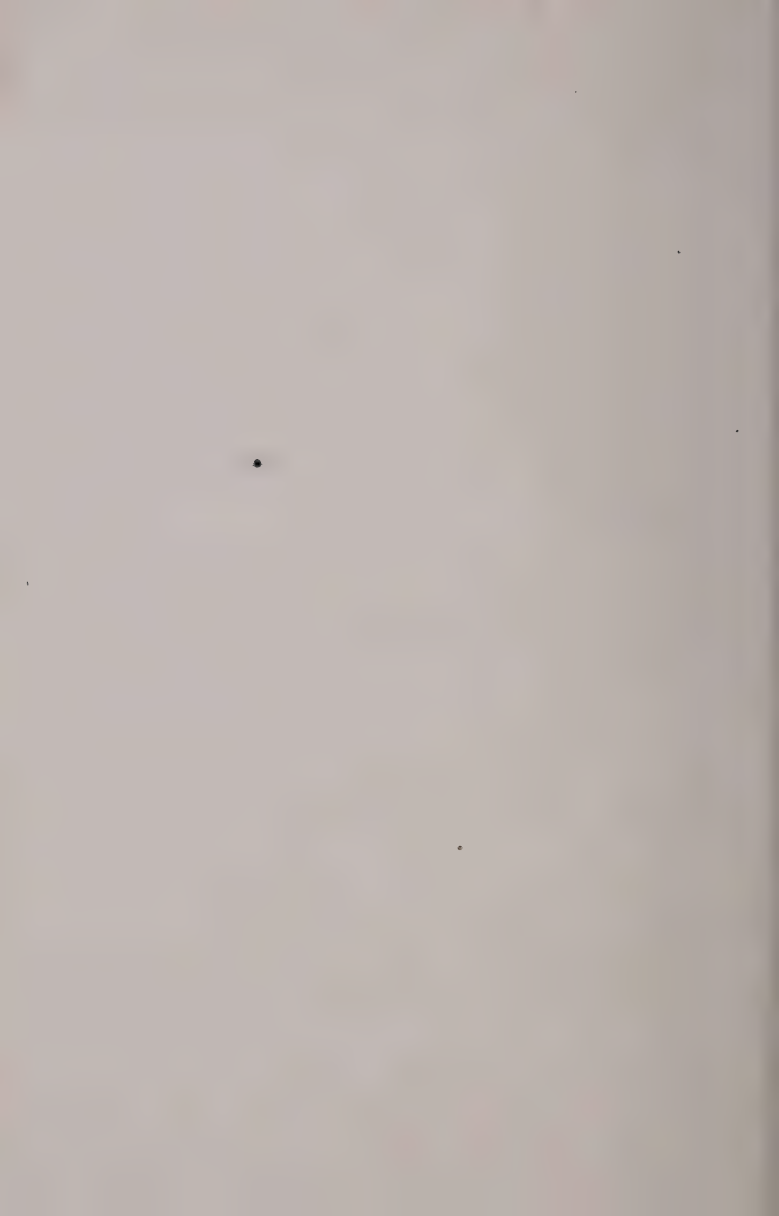
Mal, pelas folhas quietas do arvoredo,
o sol, afoitamente, penetrou,
por essas folhas — cedo, muito cedo —
abrindo as azas de ouro, elle cantou...

Foi indo, muito triste e muito a medo,
a cantiga de amor que soluçou...
E as folhas verdes ouviram o segredo
do primeiro canto de amor que elle cantou...

Mas veio um vento máu, e a arvore amiga
descabellou as folhas pelo chão...
E a arvore sentiu falta da cantiga
que era a alegria de seu coração...
Aves de arribação!...

Quando o vento, depois, uivou nas portas
das cabanas seus gritos, lá chorou,
cantando pela voz das folhas mortas
a ultima cantiga de amor que elle cantou!...

Tarde

TARDE

I

Uma dôr funda, uma tristeza, um dia,
medonha e má, de mim se apoderou...
E o dia, indifferente, ainda zombou
da minha pertinaz melancholia...

O sol riu claro... Um passaro cantou
olhando a minha dôr pungente e fria...
E, mais cruel, o vento assoviou
para a minha tristissima agonia...

Eu, tambem, não chorei... Não quiz mostrar,
ao egoismo das coisas, minha dôr...
E suffocando-a, pude não chorar...

Mas a tarde chegou... Olhou-me; olhei
a minha amiga... Abraçou-me com amor...
Quando a tarde chegou foi que chorei...

II

Uma melancholia côr de roza
desceu na tarde, tão serenamente,
que os passaros de voz melodiosa
cessaram de cantar, subitamente...

Parece que a cidade adolescente,
envolvida na sombra vaporosa,
baila, na luz velada do poente,
a dansa da agonia dolorosa...

Talvez d'aqui a cem annos, a cidade,
como eu, repouze na serenidade
da morte, do que é nada e que é poeira...

Mas nada mudará na Natureza:
Essa tarde, essa sombra, essa tristeza
hão de ser sempre assim a vida inteira...

III

Ha, na tarde que morre, uma tristeza,
emocional, uma melancholia...
Deus, que fez essa tarde, com certeza,
arrependeu-se de ter feito o dia...

Uma sombra doente, triste e fria,
espalha pelo espaço uma incerteza
que nos enche da extranha nostalgia
da região do Sonho e da Belleza...

O Arvoredo murmura, tristemente,
ao Sol que morre gloriosamente,
uma reza que o Vento lhe ensinou...

As lagrimas do Céo, uma por uma,
espalham-se, silentes, pela bruma,
que a Noite, toscamente, desenhou...

IV

O Mar uiva na praia erma, deserta,
e investe contra os cáes furiosamente...
O amante, carinhoso e complacente,
ora brutal, no peito a amante aperta...

Crepuscúla. Na praia, erma, deserta,
o Mar uiva, violento, tristemente...
Mas a Lua, amorosa, emfim, desperta
e fere o velho oceano, triumphalmente!

Quando ella no horizonte apparecia
uma cupola enorme parecia
de ouro e sangue, de luz e de explendor...

Vem vermelha... vem cheia de despeito
por ver o Mar, ferindo-se no peito,
offerecer á Terra o seu amor...

V

Tarde fria, sem luz... Abro a janella
e quedo-me a fitar o firmamento...
Ha no espaço desmaios de aquarella
e o céo é um quadro azul claro-cinzento...

Monotonia em tudo... Um nevoento
vapor de tedio embaça a triste tela...
E fico, assim, scismando, scismarento,
scismando debruçado na janella...

E então fico a pensar no meu amor;
na tragèdia de lagrimas, de dôr
que sómente sabemos eu e Ella.

Foi mesmo assim... Um dia, Ella chegou...
Quando a tarde morreu, me abandonou...
E eu fiquei debruçado na janella...

VI

Ha um sopro suavissimo, finissimo
suspirando um tristonho murmurio...
Geme, na solidão, a voz de um rio
um soluço finissimo, suavissimo...

O Astro-Rei, ermitão piedosissimo,
ajoelha, rezando, n'um cicio...
Umas sombras errantes no ar levissimo,
e frio e nevoa e nevoa e muito frio...

Lembrei-me, então, do amor que já sonhei:
amor puro, platonico, irreal,
mas que na terra nunca alcançarei...

Depois o amôr da posse me sorriu...
E a mudar, ora d'um a outro ideal,
quasi esqueci que o amôr nunca existiu...

VII

Tarde nos meus sentidos, no meu peito,
grande tarde precoce dentro em mim...
Sol de inverno, sol fraco, sol desfeito
em pranto que annuncia o triste fim...

Tarde do amor... Recolho-me a meu leito,
que o sol do meu amor deitou-se emfim...
A perfumar a cama em que me deito
o perfume doente dum jasmim...

Os passaros não cantam como outr'ora;
não crescem mais as flores perfumadas
e dentro em mim não ri mais nada, agora...

Chora apenas, no negro das ramadas,
um mocho a recordar (por isso chora!...)
a belleza das velhas alvoradas...

Pó

PÓ

E's pó!...
Repete triste, dolorosamente
o que és, o que has de ser, o que serás...
Pó!...
E, dolorosamente,
reverás o Eclesiastes e verás
a fatalidade do poente...

Entretanto a vaidade de Narciso
sussurrava aos teus ouvidos
a mentira doirada de viver.
A vida era um sorriso
que accordava a emoção dos teus sentidos
no recanto mais fundo do teu ser...

E só viste o prazer!
E só viste a illusão duns momentos de amor!
E nem reconheceste, na vaidade,
na mulher a propria Infelicidade,
a razão de ser da tua dôr

Hoje sabes, mas tarde:
tudo de máo, de baixo, de imperfeito,
que na vida fizeres
ha de ser (olha em volta do teu leito)
a inspiração maligna das mulheres.

E emtanto és pó...
Olha a fatalidade do poente.
Viverás a soffrer, mesquinho e só,
porque nasceste inutilmente...

E repete no pasmo do silencio
o teu ser, tua vida, tua essencia:
... Pó!...

A loucura da vida
penetrou o vitral do teu olhar
e entrou na cathedral dos teus sentidos.
dansaste, então, a extranha sarabanda
da alegria infinita...
E a volupia da vida
bailou no teu olhar, cantou nos teus ouvidos...

E nem viste a terrivel illusão
da vida eterna, immortalização
da tua carne.

Tu sentiste a volupia de viver
e viveste na tua phantasia.
Mas tu has de morrer!...

Porque és pó!... porque és nada!...
A fascinação do sonho
hoje te domina.
Já sentes a tragedia vespertina
no começo da tua mocidade;
e escutas a amargura da Amargura
que soluça a canção maviosa e pura
da Tristeza, da Dôr e da Saudade...

E repete no pasmo do Silencio,
na memoria das Horas esquecidas
a psalmodia da Fatalidade:
... Pó!...

Que dôr immensa a de viver
desencantado já na mocidade!...

Neblina

NEBLINA

Manhã tristonha...
A neblina vae cahindo fina e fria...
E eu sinto nos meus olhos a tristeza
das grandes crises de melancholia...

As arvores toucaram-se de neblina
só pelo gosto de evocar festas passadas
e cabeceiam desesperançadas.

E a neblina vae cahindo, fria e fina...

Os caminhos tambem são tristes.
E o céo chora sobre elles,
com saudades talvez dos passarinhos,
a neblina — poeira de estrellas apagadas
augmentando a tristeza dos caminhos...

E como eu sinto as minhas mãos geladas!

E os meus olhos tambem são tristes!...

E sondando a tristeza, em seus refolhos,
vejo que és tu quem me falta e os teus carinhos.

... Certo não foi a neblina
que augmentou a tristeza dos meus olhos
como augmenta a tristeza dos caminhos...

A ballada de Pierrot

A BALLADA DE PIERROT

Na volupia infinita do poente
vi teu vulto de sonho, minha flôr!
E installou-se em meu peito, eternamente,
todo o culto pagão do meu amôr...
No horizonte, indeciso, calmamente,
o sol baixava, ardente, sobre o mar...
E o desejo accendeu-se, de repente,
como um raio de sol, no teu olhar...

Tantos annos passados, e ora vejo
que aquelle olhar foi toda a minha vida;
o começo dum sonho bemfazejo,
duma illusão carissima e querida...
Mas, amôr, não morreu ainda o desejo,
esse antigo desejo de te amar...
Ai! quem me dera um só, unico beijo,
como um raio de sol, do teu olhar...

E vivi tantos annos na illusão
de ter teus labios d'ouro, Colombina;
e depois ao sentir no coração
toda a saudade atroz duma divina
noite de amor e noite de paixão
eu senti o meu peito arrebentar
e brotar nos meus labios a canção,
toda feita do sol, ao teu olhar...

OFFERENDA

Toma! Toma em teus dedos de marfim
que foram feitos, creio, de luar,
essa triste canção feita por mim,
que poisará contente, eis o seu fim,
como um raio de sol, no teu olhar. . .

Anno triste

PRIMAVERA

Amar! Sonhar! Dia de primavera!
Num dia assim te amei, assim te quiz:
Fructo dum outro tempo, doutra éra
diversa da tua, fui infeliz

no meu amor... Comtudo, quem me dera
estar na Idade Média (tu te ris?)
para te offerecer, na primavera,
o meu amor e te fazer feliz!...

Para, de lança em riste, ir para diante,
grande guerreiro, cavalheiro andante,
desafiando a miseria, a fome, a dôr!...

E junto a ti, sob o explendor do céo,
paladino tornado menestrel,
cantar, na primavera, o meu amor!...

VERÃO

Calor! Verão! Dia de sol ardente!
Rodopios de luz! Verão! Calor!
Tudo ama! Tudo canta! Tudo sente
a vida e o gosto de viver! Amor!

O dia é um beijo rubro de sol quente!
O céo, um beijo azul, beijo de dor,
beijo de despedida... E cada flôr
é o producto do amor duma semente!...

Tambem fui como um dia assim; senti
a vida, a alegria de viver; vi
a minha vida um dia de verão...

Hoje sinto que o outomno chegou cedo:
sou moço... e ha folhas seccas no arvoredo;
ha sol... e as andorinhas longe vão...

OUTOMNO

Chegas, Outomno! Como o Tempo corre!...
E's triste e frio, não nos dás conforto...
E's o ultimo sonho de quem morre
e deseja sonhar depois de morto...

Tarde tristonha e má... A areia escorre
na ampulheta, num grande desconforto...
Dentro de nós toda a esperança morre
como um naufrago audaz longe do porto...

Tarde do Tempo, como és feia e triste!
Depois, porém, de ti, um outro existe
mais feio, que jámais soube sorrir...

Outomno, és meu irmão gemeo perfeito:
A tristeza que sinto no meu peito
é menor que a tristeza que ha de vir...

INVERNO

Frio... Chuva... Dia triste e enfadonho:
Dia de muita chuva e muito frio...
Acho que o sol até está mais tristonho
e o arvoredo parece mais sombrio...

Murmura mais dolente o murmurio
dum rio... tão dolente que eu supponho
que chora a voz tristissima do rio
acompanhando o enterro do meu sonho...

Frio na Natureza e frio em mim!
Murcham todas as flores no jardim
e sombras bailam tristemente no ar...

Bemdito esse abandono e essa tristeza
bemdita seja, pois que a Natureza
chora por mim que não sei mais chorar...

O poema da volupia

O POEMA DA VOLUPIA

I

Meu amor!
E's uma flôr de carne e de peccado!...

E's uma rosa esguia e venenosa;
és triste e pensativa...
chora em torno de teus olhos
uma sombra dolorosa...

No meu orgulho de homem
eu cantarei o amor dominador...

E revele eu bem alto essa loucura
para que todos saibam
que é maior do que todos meu amor!....

II

Bailadeira da Volupia,
dansaste a sarabanda dos desejos...
Desenhaste a meus olhos
os amores pharaonicos mysteriosos;
Os gestos de serpente, desdenhosos,
da Salomé da lenda e da Escriptura;
os corpos nús das mulheres dos sultões;
das odaliscas...
E todas as tragedias amorosas
que passaram no olvido ou que vivem na Historia...
e as visões silenciosas
das caravanas no deserto
entre a febre do clima e gemidos de dôr,..
e os beijos mortos das mulheres mortas...
e a gestação da Carne, e a gestação dos mundos,
e a gestação da Vida e a gestação do Amôr...

III

E's triste e pensativa...

Ha, nos teus olhos, uma esteira branca
dum navio fugindo pelo mar...
Ha, nos teus labios, a fumaça azul
que chora no silencio dos seus gestos
porque subir talvez faça chorar...
Ha, no teu corpo, uma attitude triste
de onda ansiosa por beijar a terra

Ha, nos teus seios, o perfume mystico
dos thurybulos da Tentação...
E geme, em tua voz, a ladainha
da nostalgia a terra em que nasceste;
geme a fatalidade dolorosa
da tua triste predestinação...

IV

Teus olhos, princesinha de legenda
desencantada pelo meu amor,
teus olhos são os reis dos olhos negros...

Olhos sonhadores,
olhos de cambiantes imprevistos,
olhos sem luz, olhos sem côr...

Noites tristes descidas nos desertos
que alguem tivesse colleccionado
e, generosamente,
guardado para a minha adoração...

Meu amor, meu lindo amor!
Encheste a minha vida com teus olhos,
com teus olhos de luz, de extranha côr...

V

Não me contes a historia dolorosa
de toda a tua vida accidentada:
tens nos olhos a côr mysteriosa
de uma agonia branca e desmaiada...
Emfim, li tua historia dolorosa
nos teus olhos de magico fulgor:
para saber que foste desgraçada
basta ler, em teus olhos, teu amor...

Vejo em teus labios um sorriso triste
de alguma Magdalena arrependida...
Que foi que neste mundo acaso viste
que tornou desgraçada tua vida?
Não sei. Sei que em teus labios ora existe,
occulta, alguma magua, alguma dôr.
... Mas sei que não estás arrependida:
basta ler, em teus labios, teu amor...

VI

Chamma viva de amor e de desejo,
tu consumiste com teu corpo nú
toda a vida que eu tinha...

Teu corpo nú...
Nevoas sombrias das manhãs brumosas
que tomam formas doces e tristonhas...
esguias formas morenas

onde ha ciladas e despenhadeiros...
e onde canta e onde berra e estardalhaça
a fanfarra triumphal do meu desejo...

Meu amor, meu amor, meu lindo amor!...

Tu já foste de todos...
muitos beijaram já teu corpo nú...
Mas hoje és minha só, só do meu beijo,
meu amor, meu amor, meu lindo amor!...

VII

Abriste á minha gula e escrinio dos vestidos
e eu então profanei a porta profanada
já muito antes de mim por outros peregrinos...

Cantem outros a virgindade.
Porque a mim sabe mais, muito mais, um amôr
de quem conhece a vida já e nunca amou,
de que o ingenuo amôr de quem não sabe ainda
os sacrificios de quem sabe amar...

E o meu amôr por ti tem muita coisa
dum amôr vago, dum amôr ideal,
do grande amôr do céo, do grande amôr do mar...

Acho o goso maior o saber que és impura
e enganar-me a mim mesmo, adorando-te assim
como um senhor da edade média sua dama...

Mas emfim todo sonho é ligeiro e fenece
antes de se poder acabar de o sonhar...
Tu me disseste já que has de partir um dia
em busca de tua felicidade
que tens, em vão, por tanto tempo procurado.

E eu ficarei sosinho,
tristemente só,.
longe do teu olhar, longe do teu carinho.
viuvo do teu peccado...

VIII

E eu te amei muito!...

Mas foi um poema triste o meu amor...
Beijei teus labios, gosei teu corpo, mordi teus seios,
numa furia erotica chupei-os...
Tu desmaiaste num erotico furor...
Deste-me a polpa dos teus labios, cheios
da embriaguez do teu amor!

Mordi teus labios, mordi teu corpo, mordi teus seios...

... Pobre do nosso amor!... Pobre do nosso amor!...